



Ricardo C. S. Alves

PSICOMOTRICIDADE II

PROF. RICARDO C. S. ALVES

psicomotricialves@globo.com

RJ – 2007

PSICOMOTRICIDADE II
Prof. Ricardo C. S. Alves

Esse material teórico foi elaborado para ajudar o aluno em seus estudos sobre a Psicomotricidade, servindo de base para o aprofundamento dos temas apresentados em aula e na discussão e reflexão dos mesmos após leituras e pesquisas em outras fontes.

“O desenvolvimento depende do amadurecimento do organismo neural e estrutural que resultará em aprendizagem”. (Fabiana Albino, 2003).

Aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo em amadurecimento. É a mudança do comportamento em função da experiência “. (Fabiana Albino, 2003)”.

Temos a **“AÇÃO”** e o **“ATO”** e a cada momento desenvolvemos uma **“AÇÃO”** que nos leva ao **“ATO”**.

“AÇÃO”: necessita do outro para que exista. O ser humano, na sua evolução, não conhece as coisas sozinho e sim na relação com o outro..

O primeiro outro do ser humano é a sua mãe (ou quem exerceu essa função). “A mãe é o primeiro objeto exterior do sujeito”. (Esteban Levin, 1995).

“ATO”: é a **“AÇÃO”** intencional. Essa intencionalidade dá ao movimento um conteúdo consciente. O **“ATO”** está ligado ao sujeito, ou seja, a nossa responsabilidade sobre nossas **“AÇÕES”**.

O sujeito se inicia na **“AÇÃO”** e aos poucos vai aprendendo (construindo) sobre seus **“ATOS”**. Evoluímos então da **“AÇÃO”** a práxia (ao ATO).

Em qualquer aprendizagem, esses dados acima devem ser levados em consideração, pois a criança, no ato de aprender, precisa ser desejada pela pessoa que coordena o ensinar e pela escola também.

Nesse aspecto, o aluno que apresenta algum problema, deve ser investido positivamente, caso contrário, não suportará viver em tamanha tensão. A tendência será o aumento desta tensão nas relações, até a exclusão total desse aluno do processo.

Enquanto o professor estiver voltado para a turma, não conseguirá enxergar um a um (individualmente cada aluno), o que deveria ser seu compromisso, pois ele mesmo não é igual a todos os outros professores.

Nessa perspectiva, é importante o professor lembrar de sua história, de como foi ensinado, de como foi aluno, o que foi construído em si próprio de crença em ser professor.

Outro aspecto interessante na aprendizagem é o **“NÃO”**. Quem lida com educação necessita trabalhar o **“NÃO”**. Para dizer **“NÃO”**, necessita-se de responsabilidade, pois com o **“SIM”**, o aluno lida desde que nasceu.

Todo professor deveria ter sido marcado por um Pai, que significa a Lei. O Pai é a metáfora da Lei, da ordem do **“NÃO”** e do **“SIM”**.

O saber de uma criança, primeiro sobre seu corpo e depois sobre as coisas, é construído pelo outro. Ela precisa de um outro para construir um saber sobre o seu corpo e sobre as coisas. Isso é próprio da humanização.

Muitos professores ao longo de sua carreira não inventam novas formas de construir um saber nos alunos, repetem construções de saberes que muitas vezes não servem para todos os alunos.

Nesse aspecto, uma parte da humanização desse aluno, ora na escola, está no ATO de suportar o ensino e a do professor, equilibrar o prazer e a castração.

O professor precisa perceber que com as alterações na estrutura da sociedade, na família ou no ambiente familiar, o Pai muitas vezes não está nesse lugar de poder e cada vez mais o filho é que tem sido (transformado) numa promessa, invertendo o simbólico, nas passagens importantes da infância para a adolescência, alterando a chegada na fase adulta.

As meninas não brincam (simbolizam) com as bonecas, de serem suas mães e sim de modelos, com um modelo de corpo (boneca) formado e elas passam, (se transformam) naquele modelo.

Os meninos por sua vez, não brincam mais de futebol, eles são treinados, na promessa de serem transformados no atleta formado, não construindo um saber pelas várias estratégias já estudadas, como o jogo simbólico, a pré-operação e a operação. Esse saber é imposto.

Assim como com a boneca, ou com o futebol, na Educação Infantil, se algum saber for imposto não gerará base de conhecimentos. Daí poder se pensar melhor na adolescência qual o saber construído no aluno, um a um, para que eu possa investir nele e não exilá-lo do processo. A questão está, muitas vezes, em como fazer isso, e ao nosso ver essa possibilidade passa a ser ampliada com a supervisão.

A imagem corporal de um aluno também é construída pelo olhar psicomotor do professor, que confirma nele o aprendido, ou o deseja como aprendiz. Se esse professor não tem sua própria imagem corporal bem organizada, será difícil confirmar ou ajudar a construir nesse sujeito, um aprendizado ou mesmo um sujeito.

O professor que não se trabalha corporalmente dificilmente compreenderá como trabalhar o corpo do outro (o aluno).

Algumas questões então nos preocupam: Como o professor lida com a falta ? Com esse buraco que há na gente e que nunca fecha ? Com a impaciência ou a incapacidade do aluno ? Como ele lida com o seu próprio “não saber” ?

O educador deve criar situações onde a criança tenha chance de vivenciar experiências de:

DISCRIMINAÇÃO CINESTÉSICA

Relação do corpo com os objetos circundantes no espaço e no tempo de uma forma consciente.

DISCRIMINAÇÃO VISUAL

Acuidade, acompanhamento, memória, figura-fundo, constância auditiva.

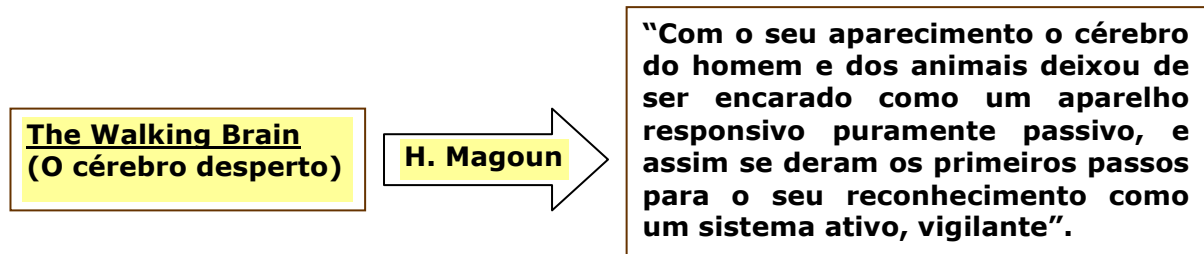
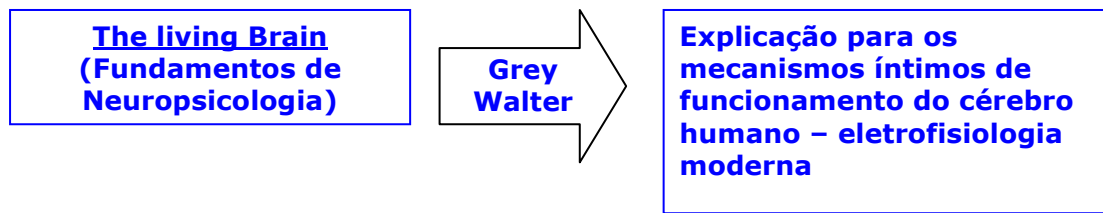
DISCRIMINAÇÃO TÁTIL

(sensibilidade, percepção, etc...)

Também são importantes o controle da respiração, o relaxamento, a observação da tonicidade e a independência dos membros em relação ao tronco.

2. AS UNIDADES FUNCIONAIS DO CÉREBRO (Segundo Lúria)

“Com base nos estudos de Lúria (1973), o cérebro humano é composto por unidades funcionais básicas, onde cada uma possui uma função específica em relação ao todo que constitui a atividade mental humana nas suas múltiplas e variadas formas. Lúria, divide em três essas unidades funcionais fundamentais à organização cerebral básica, ou seja à evolução humana. Essas unidades são necessárias a qualquer tipo de atividade mental, nos movimentos voluntários, na elaboração prática e psicomotora, na produção da linguagem falada ou escrita”. (ALBINO, 2003).



A Neuropsicologia, um ramo novo da ciência cujo objetivo específico e peculiar é a investigação do papel de sistemas cerebrais individuais em formas complexas de atividade mental, surge para elucidar questões sobre os mecanismos fundamentais da atividade (percepção e pensamento), de fala e de comunicação social, da formação de planos e programas de comportamento e de regulação e controle de sua realização ativa, ou seja, descrever a estrutura da atividade humana.

“Os processos mentais do homem em geral, e a sua atividade consciente em particular, sempre ocorrem com a participação das três Unidades Funcionais”. (LÚRIA, p.26, 1981)

Cada Unidade exige uma estrutura hierarquizada e consiste em três zonas corticais construídas uma acima da outra:

Áreas primárias – de projeção – recebem impulsos da periferia ou os enviam para ela;

Áreas secundárias – de projeção – associação – onde as informações que chegam são programadas e preparadas;

Áreas terciárias – de superposição – responsáveis pelas formas mais complexas de atividade mental que requerem a participação em concerto de muitas áreas corticais.

“O Cérebro humano é composto, segundo Lúria, por unidades funcionais básicas, cada uma delas possuindo uma função particular e peculiar, no todo, que constitui a atividade mental humana nas suas múltiplas e variadas formas.” (Vítor da Fonseca).

1ª UNIDADE FUNCIONAL:

(DE REGULAÇÃO TÔNICA, DE ALERTA E DOS ESTADOS MENTAIS)

- Mantém o tônus cortical (e o tônus corporal);
- Experimentam as influências superiores do córtex;
- Trabalha em íntima relação com os sistemas superiores corticais;
- Colabora com os sistemas superiores corticais em todas as manifestações da atividade consciente do ser humano – programações de ações voluntárias, processos de decodificação e de codificação simbólica.

2ª UNIDADE FUNCIONAL:

(DE RECEPÇÃO, ANÁLISE E ARMAZENAMENTO DA INFORMAÇÃO)

- Localiza-se nas divisões posteriores dos hemisférios;
- Incorpora o lóbulo occipital (visão), o lóbulo parietal (tátil-quinestésico) e o lóbulo temporal (audição);
- Organização hierarquizada e subdividida em:
 - Zonas nucleares primárias (projetivas) – recebem aferências dos analisadores específicos;
 - Zonas secundárias (projetivo-associativas) – responsáveis pela codificação e síntese
 - Zonas terciárias (associativas) – responsáveis pelo co-trabalho dos vários analisadores de sistemas supramodais (simbólicos) – básicas para as atividades gnósticas e cognitivas.

3ª UNIDADE FUNCIONAL:

(REGULAÇÃO E VERIFICAÇÃO DA ATIVIDADE)

- Localizada nas regiões anteriores do córtex, formando os lobos frontais;
- Regula os movimentos voluntários;
- Responsável pela programação, regulação e verificação da atividade;
- “Propicia ao ser humano a capacidade de reagir ativamente à informação recebida e, simultaneamente, da capacidade de criar intenções, formar planos e estratégias e programar as suas ações, inspecionando a sua realização e, conseqüentemente, regulando seu comportamento de forma a estar conforme os fins para que foi estruturado e organizado” (Vítor da Fonseca);
- A ação (área 4) e a coordenação (áreas 6 e 8), são as unidades dialéticas e funcionais da 3ª Unidade Funcional;
- Governa as funções de expressão – sistemas motores eferentes.

“O desenvolvimento desta 3ª Unidade Funcional está naturalmente, pelas razões apresentadas, associado à progressiva corticalização das funções de programação, regulação e verificação das atividades conscientes, funções essas inseparáveis do instrumento fundamental da linguagem, que se tornou no “maior regulador do comportamento humano”. (Luria, 1969).

As ações humanas são guiadas pela consciência, por intenções e por motivações individuais e sociais complexas.

Para manter essa intenção é necessário:

- “Estabelecer uma relação inteligível entre ação e a situação, fixar a finalidade na memória e dirigir o decurso da ação”;
- “Analisar, posteriormente, os efeitos e relacioná-los com as intenções iniciais”.

A ação voluntária acontece então, a partir de um projeto e um plano consciente, resultante de uma memória prévia de dados intracorporais que interagem num programa interior com os dados extracorporais, além de integrar uma seqüencialização e uma ordenação temporal de comandos motores.

3. PRÁTICA PSICOMOTORA

É a forma como a Psicomotricidade, nas suas áreas de atuação, se realiza.

A Prática Psicomotora pode acontecer através de dinâmicas, sensibilizações, jogos regressivos, dramatizações, exercícios psicomotores, dinâmicas reeducativas, no corpo a corpo com o Psicomotricista, nas atividades lúdicas e vivências corporais.

Ela necessita ser precedida de anamnese e entrevistas, quantas forem necessárias, com os pais ou mesmo com outros elementos da família, tentando esclarecer dados referentes ao cliente ou seu momento vivido.

Seu conteúdo ou contexto se realizará no desenvolvimento e estruturação do sujeito trabalhado, na evolução das habilidades psicomotoras, na estimulação das funções psicomotoras, nas relações com o Psicomotricista, numa cena, num gesto, numa linguagem que organiza e localiza esse sujeito em relação ao seu Eu referencial, ao outro e aos objetos.

Podemos dizer também que ela acontece, através do fortalecimento das possibilidades de recuperação, de adaptações, do alívio da dor, ou da redução do sintoma, harmonizando o sujeito numa inteireza, consigo mesmo, com o outro e com o objeto.

3.1. RECURSOS PARA APLICABILIDADE PRÁTICA DA ÁREA

O Objeto em Psicomotricidade tem uma importância muito grande. Ele é o instrumento de ligação entre o EU referencial e o OUTRO. Por isso, qualquer recurso assume um papel de destaque na relação do sujeito com o outro e com esse objeto.

Eles podem ser **meios auxiliares** (materiais ou equipamentos) ou as próprias **instalações** (o ambiente, a luz, o som, etc...).

MEIOS AUXILIARES - Todo material pode ser usado na prática psicomotora. Os cuidados habituais devem ser sempre um motivo de preocupação principalmente em relação às faixas etárias que estaremos disponibilizando esses objetos.

O objeto é o elemento intermediário entre o Eu e o OUTRO. Ele serve de ligação nessa relação e para cada idade, ele terá um significado ou será usado com determinados significados.

Em cada etapa do desenvolvimento do ser humano, o objeto pode ser usado de uma forma particular e isso demanda uma certa experiência por parte do coordenador do trabalho em verificar que significados se aplicam, nos momentos em que esses objetos são usados.

INSTALAÇÕES – os locais apropriados para a prática psicomotora devem ser limpos, arejados, adequadamente coloridos, sonorizados e iluminados e cuidadosamente acolhedor para uma ambientação equilibrada que estimule o participante e nunca o exclua.

3.2. ATIVIDADES PSICOMOTORAS – JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS

“É a brincadeira que é universal e que é própria da saúde”. (WINNICOTT, p.63,1975)

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”. (WINNICOTT, p.95,1975).

Esteban Levin diz que o adulto vive das suas reminiscências infantis e que a infância não se acomoda a um tempo. Na infância a criança necessita de um tempo para o fazer, pois um jogo é um fazer que constrói o ato num prazer pulsional tônico-postural-motor.

Em nossa sociedade consideram a infância como um tempo do fazer nada, mas isso é o próprio desconhecimento da criança e da infância transformando-se o tempo, conforme a passagem da infância para a adolescência, num novo tempo de

amadurecimento e de um fazer consciente. O nada é quase proibido aos adolescentes e definitivamente impróprio aos adultos.

“A tendência de uma criança muito pequena é satisfazer seus desejos imediatamente; normalmente, o intervalo entre um desejo e sua satisfação é extremamente curto. (...) Para resolver esta questão a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente. (...) Como todas as funções da consciência, ela surge originariamente na ação. O velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação deve ser invertido; podemos dizer que a imaginação nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação”. (VIGOTSKY, 1984 p. 106).

Trabalho e Lazer são antagônicos nesse tempo adulto de se fazer tudo, ocupar-se, não se permitir muitas vezes entrar em férias.

Com isso não é difícil perceber quais as questões que envolvem uma passagem da produção à aposentadoria e do trabalho ao lazer na vida de um adulto que está preste a se tornar um idoso que fatalmente desconhecerá o tempo livre como um tempo possível de produção.

“Ensinamos ao homem como fazer dinheiro, mas não como gastá-lo. Ensinamos ao homem como obter horas livres, mas não como empregá-las”. (ALMEIDA, p. 38, 1978)

Não é identificado o tempo livre como um momento de nada fazer, como se fazer nada fosse sempre ruim. A pausa é sempre necessária para a continuidade, sem ela a continuidade poderá estar ameaçada, comprometida.

Nessa perspectiva, adultos se tornam idosos que não sabem fazer nada e não sabem definitivamente lidar com o tempo livre.

O jogo do adulto transformou o jogo em guerra, já que ela não é aceita permitida, joga-se.

Alguns autores abordam o tema com muita rigidez: “O esporte é violência, violência permitida” – Bernard Jeu, “O jogo de bocha requer um parceiro, a partida de bocha, um adversário, e um torneio, inimigos” – Joseph Leif e Brunelle.

Podemos concluir que as culturas formam hábitos positivos ou negativos ao processo de desenvolvimento e estruturação do sujeito, sendo que desenvolvimento é da ordem do ter e estrutura da ordem do ser.

CLASIFICAÇÃO DOS JOGOS SEGUNDO PIAGET

- JOGO DE EXERCÍCIOS
- Inicia-se os 1º meses – a criança repete movimentos por puro prazer, sem finalidade.
- JOGO SIMBÓLICO
- Inicia-se durante o 2º ano de vida – implica na representação de um objeto, de um conflito, de um desejo que não foi realizado. É o jogo do faz-de-conta.
- JOGO DE REGRAS

Inicia-se dos 4 aos 7 anos e subsiste na idade adulta (jogo social, esportes, etc...) O obstáculo de vencer estimula a investigação, a análise e o estabelecimento de relações.

CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS SEGUNDO WALLON

- JOGOS FUNCIONAIS: consistem em movimentos simples como agitar os dedos, tocar objetos, produzir ruídos e sons, estender e fletir os braços e pernas...
- JOGOS DE IMITAÇÃO: brincar de casinha, de avião, de trem, vestir ou calçar objetos dos pais;
- JOGOS DE AQUISIÇÃO: permitem a criança observar, escutar e fazer perguntas;
- JOGOS DE FABRICAÇÃO: permitem a execução de tarefas, tais como: cortar, modelar, construir coisas, desenhar...

4. DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Podemos dizer que o desenvolvimento psicomotor é o resultado das transformações que ocorrem no ser humano desde sua concepção ao seu envelhecimento, até sua morte, transformações essas que envolvem vários aspectos na organização psíquica e orgânica de um ser.

4.1. FILOGÊNESE, ONTOGÊNESE E RETROGÊNESE.

4.1.1- FILOGÊNESE:

Filogenia – história genealógica de uma espécie ou grupo biológico, fundamentada principalmente pela Anatomia Comparada, Paleontologia e pela Embriologia. Filo (do grego – Phýllon) unidade taxionômica dos organismos que participam de um plano fundamental de organização e de uma descendência comum.

Muitas explicações surgiram para a origem da vida ao longo da existência humana. Uma delas seria as explicações teleológicas, espiritualistas, que marca um ponto no princípio espiritual e sobrenatural, desde Platão a Aristóteles, passando por Plotino, Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino, chegando até os nossos tempos, onde a vida é determinada por uma força vital, de um dom supremo, divino.

Além desse ponto de vista outras explicações surgiram e desde Anaximandro (noção de que os mundos nascem e morrem) passando por Anaxágoras com a concepção heliocêntrica, até outros pensadores como Lucrecio, Copérnico, Bruno e Galileu (alguns considerados hereges), o mistério da origem da vida foi sendo estudado.

O estudo da origem da vida não objetivo, apenas por analogias e inferências, seria o estudo das transformações físico-químicas geradoras de mutações genéticas.

Vida = energia (libertada a partir do aniquilamento da matéria e da antimatéria).

A origem da vida põe em jogo uma evolução pré-orgânica que antecedeu a evolução orgânica. Ela requer um conjunto de fenômenos físicos, químicos e biológicos que põem em destaque os fenômenos de assimilação, acomodação e de reprodução, além da observância de certas condições de radiação, temperatura, gravitação (gravitação e contração de gases – hidrogênio e hélio - que resultam em forças eletromagnéticas que explicam a atração recíproca entre as estrelas e planetas na formação das galáxias), etc...

- Terra = atmosfera, hidrosfera e litosfera (elementos fundamentais).

Após o assentamento da poeira (nuvens e gases) a luz solar atingiu a terra provocando reações nas estruturas resultantes da aglomeração e contração de gases = minerais primitivos e a desintegração de materiais radioativos (nêutrons, prótons e elétrons) reunindo-se num só próton mais complexo, daí a formação de

poeiras cósmicas. Após a libertação de gases (bióxido de carbono, metano, sulfurosos e combinações de azoto) originaram-se as atividades vulcânicas e a vaporização, permitindo o aparecimento dos mares primitivos.

Com a decomposição do vapor de água se origina a libertação de oxigênio – condição indispensável para a vida dos seres vivos.

Sol - núcleo energético gigantesco e superaquecido

Terra – 4.400 milhões de anos. Nuvem de poeira cósmica – atividade vulcânica complexa

Litosfera – estrutura dependente da solidificação dos metais.

Atmosfera – invólucro gasoso da terra.

Proteína – Após as combinações dos elementos químicos alterados por pressões atmosféricas e forças eletromagnéticas e radioativas, surgem novas propriedades e a mais importante delas gera a proteína – composto a partir do qual se justifica o aparecimento da vida.

Aminoácidos – tijolos do grande edifício da vida – deles se fazem as proteínas e estas são, nem mais nem menos, os constituintes de todos os seres vivos.

A filogênese da motricidade é uma seqüência de motricidades construtivas.

A filogênese da motricidade fornece-nos os dados necessários para compreendermos como ela implicou libertações anatômicas, que, por sua vez, introduziram libertações cerebrais.

A Filogênese nos mostra então semelhanças na embriogênese do ser humano e com a seqüência da embriogênese dos animais iniciamos anfíbios, nos arrastamos como répteis, logo após, quadrupedamos como os quadrúpedes e por fim nos organizamos como os bípedes na posição em pé, atingindo então a marcha cruzada do Homo Sapiens.

Um aspecto importante é a **sequencialização** (passagem da reptação ao bipedismo - evolução da horizontalidade para a verticalidade) ajudando-nos a perceber a simetria bilateral, onde a coluna vertebral sustenta a cabeça, o tronco e o abdômen, num eixo corporal, marcando a passagem da imobilidade à flexibilidade.

4.1.2- ONTOGÊNESE:

Transformações na evolução de um ser desde sua geração até seu completo desenvolvimento individual (Gênese – do Latim Gênese e do grego Gênesis), evolução de um ser, origem e formação dos seres organizados.

A Ontogênese da motricidade decorre de um desenvolvimento intra-uterino, assim como as origens do comportamento humano encontram-se na embriologia e na neonatologia.

A embriologia estuda a forma ontogenética, quer nos aspectos morfológicos, químicos ou fisiológicos. Ela estuda a organização, estruturação e a função da morfologia somática além da energia dos agentes genéticos de crescimento, o que nos permite aprofundar os estudos neurobiológicos do comportamento seguindo um percurso (evolução) do período pré-embriônico, passando pelo embriônico e fetal até o neonatal.

PERÍODOS DA ONTOGÊNESE

- Pré-embriônico - da concepção ao 1º mês de vida intra-uterina;
- Período embriônico - do 1º mês ao 2º mês de vida intra-uterina;
- Período fetal - dos 2 aos 9 meses de vida intra-uterina;
- Período neonatal - nascimento – passagem de meio fluido (líquido amniótico) para um meio gasoso (ar).

“O movimento e o seu fim são uma unidade, e desde a motricidade fetal até a maturidade plena, passando pelo momento do parto e pelas sucessivas evoluções, o

movimento é sempre projetado face a uma satisfação de uma necessidade relacional. A relação entre o movimento e o fim aperfeiçoa-se cada vez mais, como resultado de uma diferenciação progressiva das estruturas integrativas do ser humano.” (FONSECA, p. 163, 1998)

Neste sentido a motricidade sem cognição é possível, mas a cognitividade sem a motricidade, não.

A motricidade é um sistema regulador melhorado no decurso da filogênese, na medida em que materializa a transformação de estruturas anatômicas e de estruturas funcionais.

Quanto mais complexa é a motricidade, mais complexo é o mecanismo que a planifica, regula, elabora e executa.

No cérebro dos animais estão mais representados os segmentos corporais que tem maior número e complexidade de relações e interações com o meio. A boca nos herbívoros, a pata em alguns carnívoros e a mão nos primatas são efetivamente as estruturas da motricidade que maior número de neurônios reguladores mantêm no córtex daqueles animais. Quanto mais dissociada for a motricidade das extremidades, mais complexa é também a reorganização dos circuitos nervosos correspondentes.

Os movimentos representam condutas, e estas representam a coordenação de órgãos, e, conseqüentemente, o surgimento de novas atividades nervosas.

A motricidade tem progressos solidários com a corticalidade. Ela exige membros articuladores, estes exigem músculos. Por sua vez, os músculos para serem inervados exigem neurônios, neurônios que obviamente consubstanciam uma certa estrutura e organização do sistema nervoso.

Os deslocamentos no meio social (motricidade) levam a uma seqüência e a uma hierarquia de aperfeiçoamentos neurológicos e morfológicos. Primeiros os morfológicos, depois os neurológicos, sempre numa inter-relação dialética, plástica e reduplicativa.

Pela motricidade utilizadora, exploratória, inventiva e construtiva, o homem e a criança, humanizando, isto é, socializando o movimento, adquiriram o conhecimento.

É através destas sínteses de conduta que a motricidade se foi complicando e simplificando através da filogênese e se vai integrando ao longo da ontogênese.

A motricidade inteligente do homem sábio é realizada como uma conduta e é determinada direta ou indiretamente pela situação exterior como um todo. É neste processo que se baseia a ação e a coordenação das ações, isto é, a própria aprendizagem humana.

No Homo Sapiens e na criança, a origem do pensamento põe em jogo uma antecipação do movimento. A antecipação do fim a atingir leva a uma planificação e seqüência de condutas previamente estabelecidas no cérebro antes de serem materializadas pela motricidade. A invenção de ferramentas artificiais permitiu à espécie humana a reflexão da sua relação com o mundo exterior.

A motricidade humana então é o resultado da experiência acumulada pela humanidade ao longo da sua história social.

Até ao momento do domínio da linguagem falada, a motricidade, em perfeita harmonia com a emoção, é o meio privilégio de exploração multi-sensorial e de adaptação ao envolvimento. A partir da aquisição da linguagem, o movimento compreende a regulação das intenções e a concretização das idéias.

O desenvolvimento da criança só é possível pela mediatização do adulto. O adulto constrói a ontogênese da motricidade na criança. As condutas do adulto (na

família, principalmente) são a segurança do crescimento e do desenvolvimento da criança.

4.1.3- RETROGÊNESE:

Mudança e adaptabilidade

Inicialmente se pensava nas mudanças dessa involução, como patologias e não como decorrência do processo dialético da evolução e da adaptação humana.

Envelhecer pressupõe: inicialmente uma desorganização vertical descendente – céfalo-caudal evoluindo até a 3ª idade num inverso – do córtex à medula (do mais complexo ao mais simples).

“O cérebro humano captou informações, integrou informações e elaborou transformações” (FONSECA, p.167, 1998).

Ação – produto final de uma organização central do cérebro.

“O produto final da evolução é a involução” (FONSECA. p. 169, 1998)

Da protomotricidade à arqumotricidade, se sucedem metamorfoses sequencializadas que são caracterizadas pela maturidade de fases anteriores até o alcance de uma desmaturidade declinativa, uma involução chamada 3ª idade.

Essa desorganização vertical descendente, antes era observada como patologia e hoje é estudada como decorrente do processo dialético da evolução e da adaptação humana.

“...as eras e os períodos estão inscritos na natureza do homem como um organismo biológico, psicológico e social, eles representam o ciclo da vida das espécies. Cada indivíduo atravessa os períodos das formas infinitamente mais variadas, mas os períodos, esses, são universais”. (LEVINSON – FONSECA, p. 347, 1998)

4.2. TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO E EVOLUÇÃO PSICOMOTRA

Antes do século XVIII a criança não existia, ou não era considerada, assim como a infância, já que a criança, ou aquele ser vivente, só passava a existir quando alcançava mais ou menos os doze anos.

Ela praticamente vivia com e como os animais e se sobrevivesse seria notada pela família como um adulto em miniatura, até seu crescimento corporal, atingindo a fase adulta.

“As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato.” (ARIÉS, p. 10, 1986)

A partir do século XVII a criança é separada do adulto sendo colocada na escola, um espaço de enclausuramento (escolarização), promovido pelo grande movimento de moralização dos homens.

Com a importância dada a Educação, a família tornou-se o lugar de afeto.

Rousseau (século XVIII) inaugura o processo como fator importante na evolução, pois antes dele não se discutia o processo. A escola só tratava do ensino e não da aprendizagem.

As explicações inatistas e empiristas eram, e ainda são, muito fortes na Educação.

Nos séculos XVIII e XIX o desenvolvimento tinha explicações inatistas e empiristas e a partir do século XX passaram a ter explicações interacionistas.

Podemos citar como pensadores interacionistas, Piaget, Vigotsky, Paulo Freire, etc...

No século XX, essas mudanças alteram as perspectivas e a aprendizagem passa a ser considerada e não apenas o ensino. Vigotsky por exemplo disse que a aprendizagem se localiza entre o indivíduo e o meio, entre a criança e o adulto.

Em outras palavras ele também afirmava que o mais importante não é o peito, nem a mãe e sim a interação entre eles, o que é construído nessa relação.

As perspectivas pós Rousseauianas falavam de um sujeito psicológico, em seu processo evolutivo, no afeto em desenvolvimento, no pensamento construído e na socialização em relação.

Com isso surgiram inúmeros estudos sobre o pensamento e sobre o movimento e desenvolvimento humano.

Gesel foi um deles, formulando uma escala de desenvolvimento infantil e após ele muitos outros.

Devemos entender que cérebro e pensamento são diferentes, o pensamento é construído a partir de estruturas cerebrais e que a ação é fundamental para a construção e desenvolvimento do pensamento.

Nesse aspecto, duas teorias pós Rousseauianas apresentavam discordância que muitos ainda hoje não observam. A teoria Vigotskyana tem como espinha dorsal a linguagem e a de Piaget a ação.

Na escola tradicional a infância era controlada e desenvolvida por teorias passivas e muitas continuam ainda hoje. Com os estudos de Wallon, Winnicott, Vigotsky, Piaget e outros, a escola passou a repensar a infância e verificar que a criança se coloca além do que ela pode fazer, executar.

O pensamento dito simbólico, gerou vários outros tipos de concepções sobre a construção do conhecimento. A criança antes dos dois anos faz e pensa a mesma coisa, após essa etapa, ela pode fazer uma coisa e pensar noutra extremamente diferente. a imaginação, a idéia, questionaram essa teoria passiva transformando o processo em algo a ser descoberto e pesquisado, mais do que era antes.

O faz-de-conta, por exemplo, mobiliza a criança no conhecimento das regras e dos papéis sociais, nos comportamentos em maior dimensão, na conceitualização e expansão do imaginário, na elaboração dos desejos, da qualidade afetiva e possibilita a manifestação e resolução de conflitos, como representação da realidade da criança.

Quando uma criança desenha, ela não retrata nesse desenho aquilo que ela vê e sim o que ela imagina e com isso ela elabora o caminho para a escrita.

Podemos dizer então que para a escrita convencional, desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita da criança.

A Ed. Física nos anos 80 produziu muito material sobre o desenvolvimento motor numa perspectiva biologicista, expressando ainda modelos inatistas sobre o assunto, mas logo os mesmos biologicistas começaram escrever sobre esse desenvolvimento e até sobre o movimento com outro significante: a cultura corporal, que sem uma Epistemologia fica um discurso vazio dando continuidade ao modelo cartesiano de se trabalhar, olhar e imaginar o corpo e o movimento.

O desenvolvimento psicomotor está intimamente ligado à cultura do ser humano, embora hajam diretrizes essenciais e básicas neste processo, a evolução psicomotora em algumas regiões podem parecer caracterizar alguns atrasos, ou, ao contrário, uma rica plasticidade de movimentos e expressões. Isso é apenas questão de estimulação ou não, dessa ou daquela cultura.

Alguns exemplos das questões culturais podem ser citados como:

- a) Questões históricas: uso de cabeleiras brancas em séculos passados;
- b) Questões sexistas: direitos, padrões e comportamentos diferenciados dos sexos;
- c) Outras questões: econômicas, políticas, etc...

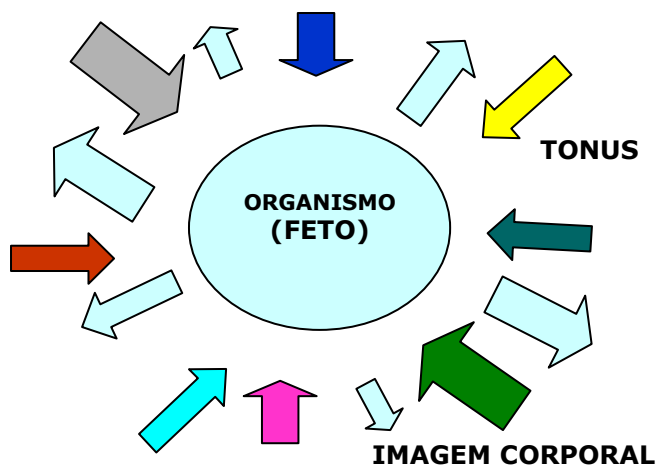
A Psicomotricidade oferece neste sentido, uma visão sistêmica, holística em relação ao desenvolvimento, discutindo-o como parte indivisível de uma estruturação do sujeito, dizendo que o sujeito ou se estrutura ou não há sujeito.

O músculo e o motor ficam fora do discurso – automatismo maturativo e biológico, deixando o corpo carne-motor limitado à função de órgão.

“O motor por si só não estabelece laço social. Não há desenvolvimento fora do discurso, justamente porque não há estrutura” (LEVIN, p. 28 1997)

1-PERÍODO DA VIDA INTRA-UTERINA

- **SATISFAÇÃO TOTAL = PRAZER**



2- NASCIMENTO / PRIMEIROS DIAS

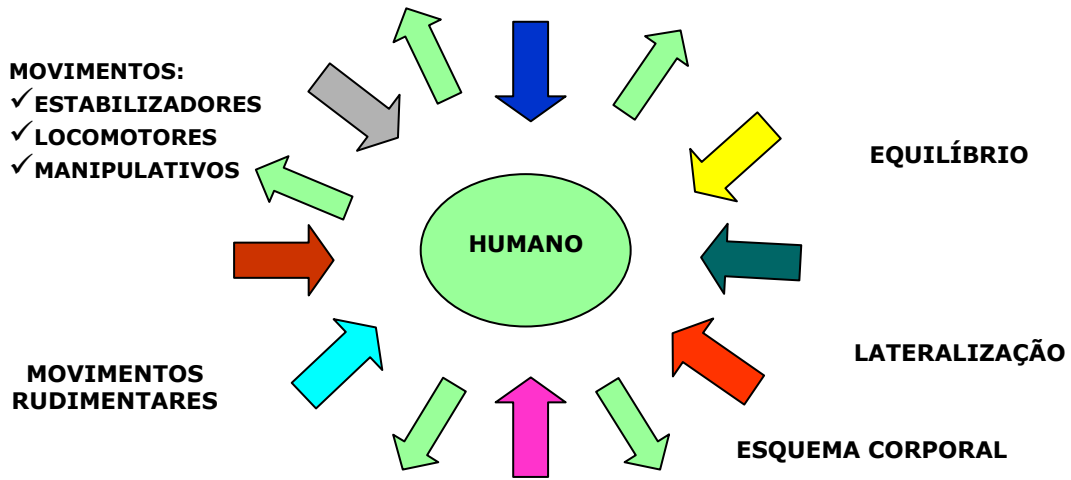
○ MUDANÇA BRUSCA / DESPRAZER / PRAZER PRIMÁRIO



- A infância é uma construção do saber sobre o corpo, o outro, a natureza, inconscientemente;
- Ela precisa do outro para construir um saber sobre seu corpo, o outro e as coisas, os objetos;
- Através do corpo, do tônus, do gesto, a mãe iniciará esse saber (histórico, inventado, experimentado,...);
- A mãe pega tudo o que o bebê faz e traduz, numa linguagem, decodificando esse saber sobre ele mesmo;
- Ainda não há um sujeito formado, mas a mãe constrói, numa suposição, que seu bebê sabe o que faz com isso ela inventa um suposto sujeito (dr., prof., eng., ...)

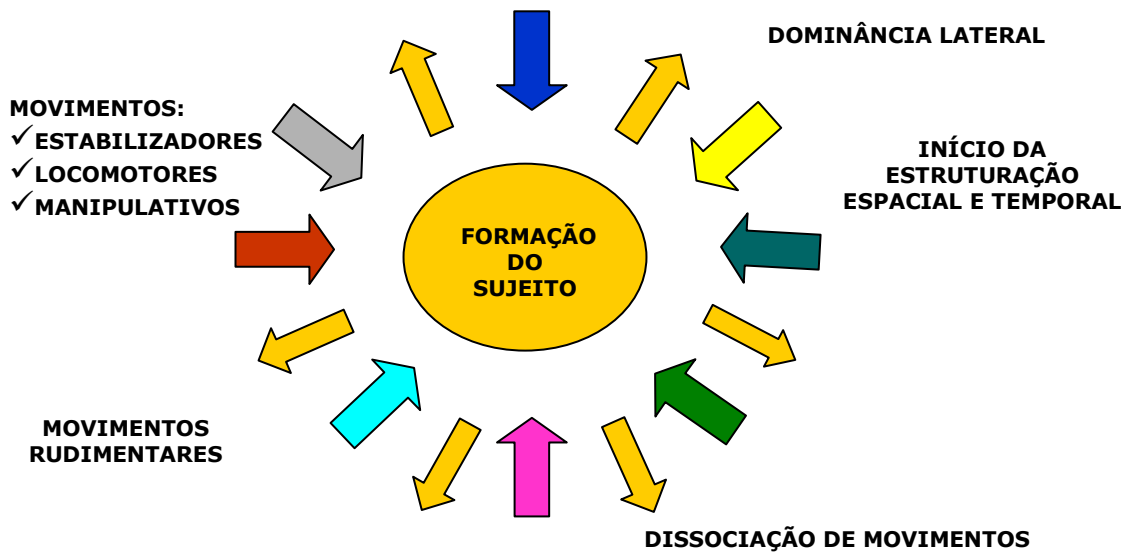
3- PRIMEIRO ANO DE VIDA

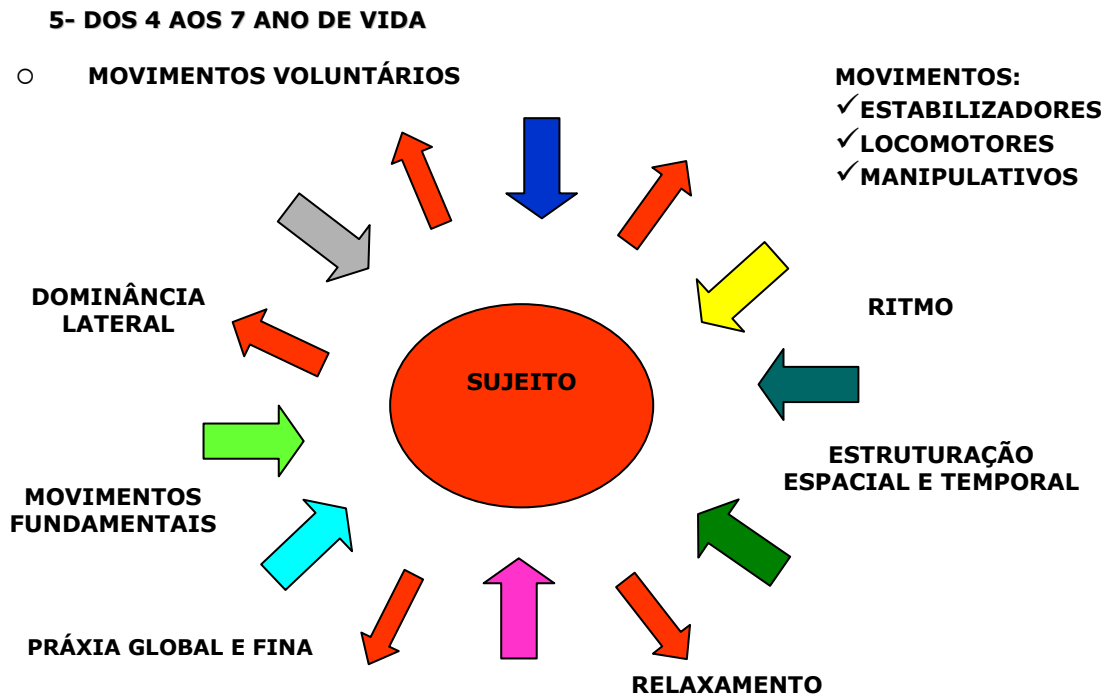
- **MIELINIZAÇÃO / AMADURECIMENTO NEUROLÓGICO**



4- DOS 2 AOS 3 ANO DE VIDA

- **AMADURECIMENTO NEUROLÓGICO / MOVIMENTOS VOLUNTÁRIOS**





5. DISTÚRBIOS PSICOMOTORES

“Distúrbio Psicomotor significa um transtorno que atinge a unidade indissociável formada pela inteligência, pela afetividade e pela motricidade”. (Andrade – 1984)

Por muitos anos os distúrbios psicomotores ou dispraxias, foram vistos sob o nome de “debilidade motora”. Mais tarde, Ajuriaguerra define como distúrbios psicomotores, as dispraxias e a instabilidade psicomotora, englobando-as sob o nome de **“DISFUNÇÕES PSICOMOTORAS”**.

Segundo J. Paz, a dificuldade ou distúrbio de aprendizagem é um sintoma, pois o aprender não é permanente.

A educação psicomotora atua na profilaxia, no ajustamento das dificuldades e dos distúrbios, em relação ao desenvolvimento.

Fatores determinantes:

- Fatores orgânicos – saúde física, SN doentio, alimentação...
- Fatores psicológicos – inibição, ansiedade...
- Fatores ambientais – educação familiar, grau de estimulação...

5.1. DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM(segundo Correll e Schwarz):

- Condicionados pela escola – pela relação professor x aluno, pelo professor, pela relação aluno x aluno e pelos métodos didáticos;
- Condicionados pela situação familiar;
- Condicionados por características da personalidade da criança;
- Condicionados por dificuldades de educação.
- Alguns autores fazem referência a conduta – “diferentes manifestações de maturação e crescimento”. (Grunspun, Hain)

5.2. DISTÚRBIOS DE CONDUTA EVOLUTIVOS

- Conceito: “É o desvio das normas de condutas conhecidas, que uma criança em desenvolvimento apresenta, em referência ao ambiente a que se relaciona e com significação para si própria.” (Grunspun)

5.3. DISTÚRBIOS DE CONDUTA PSICOGÊNICOS

- Distúrbios dos hábitos – sucção do polegar, roer unhas, enurese, masturbação, etc.
- Distúrbios da conduta - tiques, hábitos cíclicos, sonambulismo, inquietude e medos;
- Perversões sexuais;
- Dificuldades da linguagem, leitura e escrita.

CLASSIFICAÇÃO:

- Distúrbio do sono, da alimentação, da motricidade, da palavra e linguagem, da sociabilidade, da sexualidade, de hábitos e manipulações, da escolaridade.

5.4. NORMAL OU PATOLÓGICO ?

- “Para podermos conceituar o que é normal, devemos basear-nos no progresso da criança, em sua evolução e desenvolvimento, comparando-a com suas próprias habilidades e capacidades em épocas diversas”.(Mielnik)
- “Os critérios de normalidade não podem limitar-se à avaliação da conduta que motivou o pedido de exame e resumir-se a uma simples grade de decodificação sintomática”.(Ajuriaguerra)
- “Os campos respectivos do normal e do patológico interpenetram-se em grande parte: uma criança pode ser patologicamente normal, da mesma forma que normalmente patológica. Ao 1º podem pertencer estados tais como a hipermaturidade de filhos de pais psicóticos ou divorciados ou o conformismo. Ao 2º pertencem as fobias da tenra infância, as condutas de ruptura da adolescência e ainda muitos outros estados”.(Ajuriaguerra)
- “A normalidade não pode mais ser confundida com a perfeição”.(Ajuriaguerra)
- Esgotar as observações com o aluno, verificar a permanência ou não das atitudes, investigar sua história acadêmica e familiar, produzir encontros com a família (disfarçados, programados e individuais), são algumas das providências mais acertadas, antes de fazer, até mesmo, alguma indicação clínica ou terapêutica.
- Para Izaak Mielnik o comportamento anormal pode ser de ordem genética ou social e devem ser considerados os seguintes fatores:
- idade / constituição física / desenvolvimento (período em que a criança se encontra) / ambiente cultural / conduta e personalidade dos pais e irmãos / tensões e traumas da vida cotidiana aos quais a criança fica exposta / tendências externas e defesas psíquicas do ego infantil / influência de pressões externas e internas / meio de adaptação a essas pressões / processos envolvidos na maturação da personalidade infantil.
- Alguns aspectos devem ter toda a atenção na observação da evolução da criança:
- Dificuldades emocionais / supersensibilidade / sentimento de rejeição / sensação de pânico / ansiedade / regressão (mesmo crescendo) / medo / agitação / sono intranquilo / ausência de relação / instabilidade emocional.

5.5. DISTÚRBO PSICOMOTORES OU DISPRAXIAS

- 1907 – Dupré e outros, descrevem, pela primeira vez em crianças, um quadro que chamam de “DEBILIDADE MOTORA”. (Ajuriaguerra – 1974)

- **DEFINIÇÃO:** “Distúrbio Psicomotor significa um transtorno que atinge a unidade indissociável formada pela inteligência, pela afetividade e pela motricidade”. (Andrade – 1984)
- Por muitos anos os distúrbios psicomotores ou dispraxias, foram vistos sob o nome de “debilidade motora”. Mais tarde, Ajuriaguerra define como distúrbios psicomotores, as dispraxias e a instabilidade psicomotora, englobando-as sob o nome de “DISFUNÇÕES PSICOMOTORAS”.

ABORDAGENS:

- PSICOGENÉTICA – Compreensão do psiquismo humano através do estudo do desenvolvimento da criança.
- PSICONEUROLÓGICA – Os transtornos comportamentais são a tradução psicológica de déficits neurológicos.
- PSICANALÍTICA – Estudo da gênese do desenvolvimento emocional visto como uma sucessão de fases instintivas.
- “Os transtornos psicomotores da primeira idade surgem em oposição aos sinais neurológicos, porque não são sistematizados, manifestando-se de forma global, envolvendo muitas funções”. (Jean Bergès, Paris – 1985)

TIPOS DE DISTÚRBIOS

“Qualquer distúrbio psicomotor liga-se a problemas que envolvem o indivíduo em sua totalidade”. (José e Coelho)

1- INSTABILIDADE PSICOMOTORA

- Tipo mais complexo causa uma série de transtornos pelas reações que o portador apresenta:
- Instabilidade emocional e intelectual;
- Falta de atenção e concentração;
- Atividade muscular contínua;
- Falta de coordenação geral e de coordenação motora fina;
- Equilíbrio prejudicado, hiperatividade;
- Deficiência na percepção espaço-tempo / figura-fundo;
- Atraso na linguagem;
- Atraso nos níveis de desenvolvimento motor e na maturidade geral;
- Alterações emocionais (impulsivas, explosivas, destruidoras, sensíveis e frustram-se com facilidade);
- Alterações no processo de pensamento (dificuldade para abstrair, pensamento desorganizado, memória pobre e atenção deficiente);
- Alterações durante o sono, no processo de pensamento;
- Dificuldade na sociabilização;
- Dificuldades escolares – discalculia
- Babavam muito quando pequenas;
- Problemas disciplinares graves na família, escola e na sociedade.
- Obs: Podem aparecer também, os “TIQUES” – depois dos quatro anos.

2- DEBILIDADE PSICOMOTORA

- Distúrbios de Linguagem (articulação, ritmo e simbolização);
- Hábitos manipuladores (enrolar o cabelo, chupar os dedos);
- Tremores na língua, nos lábios ou nas pálpebras;
- Disciplina difícil;
- Atenção deficiente e coordenação motora pobre;
- Dificuldade de realizar movimentos finos, sutis;
- Afetividade e intelectualidade comprometidas (indiferença e apatia);
- Sonolência maior que a de outras crianças;

- Enurese noturna e até diurna por muitos anos;
- Isolamento social e crises de birra ou de ansiedade ao enfrentarem situações difíceis;
- Dificuldade na aprendizagem da leitura, escrita e aritmética.

3- INIBIÇÃO PSICOMOTORA

Tem as características da Debilidade Psicomotora com uma distinção fundamental: existe a presença constante da “**ANSIEDADE**”.

Os portadores apresentam:

- Ansiedade constante;
- Problemas na coordenação motora;
- Distúrbios de conduta;
- Distúrbios glandulares;
- Rendimento superior aos portadores de debilidade psicomotora podendo fracassar nas provas finais devido a ansiedade.

4- LATERALIDADE CRUZADA

Existem as dominâncias: da mão, do pé, do olho e do ouvido. Quando elas não se apresentam do mesmo lado, dizemos que o indivíduo tem “lateralidade cruzada”.

Os portadores apresentam:

- Alto índice de fadiga;
- Quedas freqüentes;
- Coordenação pobre;
- Atenção instável;
- Dislalias;
- Distúrbios do sono;
- Escrita e leitura comprometidas;
- Intranqüilidade.

5- IMPERÍCIA

- Distúrbio de menor gravidade.
- Dificuldades na realização de tarefas de apurada habilidade manual.

Os portadores apresentam:

- Dificuldade na coordenação motora fina;
- Quebra objetos constantemente;
- Letra irregular;
- Movimentos rígidos;
- Alto índice de fadiga.

6. OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO PSICOMOTORA

Observando um sujeito em movimento, necessitamos muito mais que um olhar, precisamos de um “olhar psicomotor” que implica enlaçar a mecânica motora à estrutura discursiva, o gesto instantâneo à história tônico-emocional, o ato neuro-anátomo-fisiológico performático à plasticidade de imaginações e fantasmas, no mínimo implica marcar e inscrever nesse corpo, numa linguagem.

A avaliação psicomotora é o veículo que dispomos para o esclarecimento, processamento, resolução e acompanhamento dos sintomas ou conjunto de inadequações instrumentais ou comportamentais apresentados pela pessoa que nos chega. É o patamar inicial de conhecimento do psicomotricista à decodificação do que o corpo se dá ver numa linguagem corporal.

Cabe a avaliação detectar as falhas instrumentais, os retardos maturativos, a caracterização dos distúrbios psicomotores e precisar as alterações nas funções psicomotoras.

Ela também deve significar o que está escondido falado corporalmente através do sintoma.

Autores e Exames psicomotores tradicionais:

Hughette Bucher, Ozerestsky, gesell, Lefèvre e outros;
Bergès, Zazzo, Rodinesco – testes específicos de lateralidade;
Head – orientação direita esquerda;
Stamback – ritmo;
Borel – Maisonnny – orientação espacial-temporal
Impõem-se pela objetividade e precisão.

Críticas a esses procedimentos:

- Atitude diretiva e distante do avaliador;
- Impessoalidade e rigidez da aplicação;
- A angústia do paciente no confronto de suas dificuldades.

Exames contemporâneos:

- Baseiam-se nas atitudes espontâneas;
- Valorizam a linguagem corporal;
- A relação com o objeto e seu conteúdo simbólico;
- A relação com o terapeuta através do jogo e do brincar;
- Subjetividade – sujeita a critérios pessoais da formação do examinador;
- Ausência do confronto do paciente com os dados de sua realidade.

Exames Psicomotores ecléticos:

- essa corrente propõe uma aliança entre os exames psicomotores tradicionais e os contemporâneos, numa intervenção não tão objetiva nem extremamente subjetiva.

CUIDADOS QUANTO A OBSERVAÇÃO DE UM CASO OU ALUNO:

- Observar os aspectos iniciais aparentes e os não aparentes;
- Caracterizar as funções psicomotoras;
- Identificar as alterações das habilidades psicomotoras;
- Significar o que está em demanda;
- Levantar alternativas de continuidade da evolução.

ETAPAS DA AVALIAÇÃO:

1. Entrevista:

- Momento inicial do trabalho quando gestos, atos e palavras, expressões faciais, um o olhar, uma mímicas, um silêncio repentino, as hesitações, o não dito e vários outros aspectos são apresentados de forma antagônica no discurso.
- Etapa de organização das observações que deverão gerar um caminhar, um percurso particular para cada história, orientando o terapeuta em seu olhar psicomotor e no desenvolvimento do trabalho.

2. Sessões de avaliação

- Atividades espontâneas
- Exames psicomotores.

3. Atividades livres;

- Prática psicomotora
- Observações de preferências e desejos do cliente-aluno

4. O exame psicomotor;

- Escolha do exame ou bateria de testes;
- Agenda de fases e testagem.

5. Diagnóstico e Conclusão;

- “Análise de analogias e discrepâncias” – (Larousse medical)

- “Diagnósis” do grego – discernimento.
- Instrumento de conclusão - diagnóstico
- 6. Encaminhamentos – recomendações.**
- Indicação e planejamento do processo;
- Definição de estratégias e métodos de tratamento/acompanhamento

7. SUPERVISÃO EM PSICOMOTRICIDADE

Segundo Morizot: *"Num primeiro plano, "visão" é apenas o ato ou efeito de ver; mas "ter uma visão" nos remete à revelação, fantasma e fantasia; "ter visão" é o modo de compreender e perceber... "Olhar" é estudar, interessar-se, ocupar-se; olhar é estar voltado ou tomar conta de alguém."* (1997, p.242).

Essa abordagem chamou bastante a atenção de todos. Os terapeutas já a conheciam, mas os educadores, acostumados às coordenações pedagógicas, às reciclagens, aos conselhos de classe, vivenciavam naqueles momentos, uma experiência para a educação bastante interessante.

Falar, não apenas do aluno, mas falar de si, das suas sensações, dos seus medos e das suas conquistas. Ser interpretado, olhado, às vezes até tocado, respeitado e colocado de frente às suas ações, numa reflexão que possibilite essa visão da sua prática pedagógica parecia, naquele momento, ser uma grande alternativa.

As sessões dessa "supervisão" podem ser em grupo, ou individuais e a cada encontro são levantados casos ou situações, apresentadas pelo(s) participante(s).

"Nestes grupos de supervisão trabalhamos em um campo de articulação no qual o saber teórico, o saber técnico, o saber corporal e o saber relacional se entrelaçam." (1997, p.244).

Diz ela ainda que: *"super-visão é a forma de ampliar a visão do terapeuta e não substituí-la pela própria, levando-o a descobrir seu próprio envolvimento e permitindo gradativamente a sua própria diferenciação e autonomia."* (1997, p.243).

Torna-se cada vez mais clara a necessidade do educador rever sua postura, sua visão, sua fala, sua relação como o aluno, beneficiando todo o processo, não só do "ensinar", mas também, e principalmente, o caminho do "aprender".

A supervisão não se propõe a trabalhar conteúdos com o educador e sim sua relação com eles, num questionamento constante da importância que este profissional dá a esta relação, aos significados e significantes da aprendizagem, nesta relação.

Acreditamos que muitas vezes pessoas que ocupam na escola funções de supervisão escolar ou educacional, coordenação e mesmo a de direção, se acostumaram ao estereótipo do poder e apesar do conhecimento e do potencial, se tornam, ao longo dos anos, incapazes de operar no educador mudanças que não sejam estritamente técnicas.

As práticas, dinâmicas e vivências psicomotoras não têm apenas um caráter lúdico recreativo; elas estimulam o autoconhecimento, a compreensão do outro, o desenvolvimento desse sujeito que necessita preparar-se também, num contato corpóreo-verbal. Esse profissional, para trabalhar com tantas crianças, com o outro, precisa antes, ter seu corpo, seu EU-REFERENCIAL trabalhado.

Observamos que pressupostos teórico-práticos como este acima, ainda não são sensíveis ao processo educativo que exacerba, em nome da didática e da pedagogia, conteúdos e ideologias muitas vezes distantes das realidades das comunidades em que atua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AJURIAGUERRA, J. de. Manual de Psiquiatria Infantil. 2ª edição. Rio de Janeiro: Barcelona, Toray-Masson, 1983.
- AUCOUTURIER, B. e outros. A prática psicomotora – reeducação e terapia. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1986.
- BEE, H. Desenvolvimento da criança e do adolescente. 2ª edição, volumes 1 e 2 São Paulo: Harbra, 1989.
- _____. A criança em desenvolvimento. 3ª ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- BERGE, Y. Viver o seu corpo. Lisboa: Ed. Biblioteca de Pedagogia, 1976.
- BERGÈS, J. Escritos da criança. Porto Alegre: Ed. Centro Lydia Coriat, 1988.
- BOULCH, J. Le. Rumo a uma ciência do movimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____. Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- BRUNELLE, L., LEIF, J. O jogo pelo jogo. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1982.
- BUHLER, C., HETZER, N. O desenvolvimento da criança do primeiro ao sexto ano de vida. São Paulo: Ed. E.P.U., 1979.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE. Anais. Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, Olinda, 2004.
- DOLTO, Françoise. A imagem inconsciente do corpo. Perspectiva, SP. 1992.
- FONSECA, V. e MENDES, N. Escola, escola, quem és tu? Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1987.
- FONSECA, V.. A psicomotricidade. Lisboa: Ed. Notícias, 1976.
- _____. Filogênese da motricidade. Lisboa: Ed. 70, 1982.
- GALLAHUE, e Ozmun. Compreendendo o desenvolvimento motor, SP. Phorte, 2001.
- KELEMAN, Stanley. Anatomia Emocional. S
- LAPIERRE, A., AUCOUTURIER, B.. Fantasmas corporais e prática psicomotora. São Paulo: Ed. Manole, 1984.
- LAPIERRE, André e LAPIERRE, Anne. O adulto diante da criança. São Paulo: Ed. Manole, 1987.
- LEBOVICI, e DIATKINE. Significado e função do brinquedo a criança. Artes Médicas, PA. 1988.
- LE BOULCH, Desenvolvimento psicomotor do nascimento até os seis anos, Artes Médicas, PA, 1988.
- _____. Educação psicomotora, Artes Médicas, PA, 1987.
- _____. Simbologia do movimento. Barcelona: Ed. Científico Médico, 1977.
- _____. A educação psicomotora na escola maternal., São Paulo: Ed. Manole, 1989.
- LE CAMUS, J. O corpo em discussão. Artes Médicas, PA, 1984.
- LEVIN, Esteban. A Clínica Psicomotora. RJ, Vozes, 1995.
- _____. A infância em cena. RJ, Vozes, 1997.
- _____. A função do filho. RJ, Vozes, 2ª edição, 2001.
- LURIA, A. R. Fundamentos de neuropsicologia. RJ, Livros Técnicos e Científicos – USP, 1981
- MATTOS, Vera L. de. A construção do Perfil Psicomotor. RJ, Ed. Rio, 2005
- MELLO, A. H. de. Psicomotricidade, educação física, jogos infantis. Ibrasa, 1989.
- RODULFO, R.. O brincar e o significante. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1990.
- SCHILDER, P.. A imagem do corpo. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1980.
- SPITZ, R.. O não e o sim: a gênese da comunicação humana. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

- _____ O primeiro ano de vida. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1981.
- VAYER, P.. El dialogo corporal. Barcelona: Ed. Científica Médica, 1972.
- VECCHIATO, Mauro. Psicomotricidade Relacional e Terapia. Artes Médicas, PA. 1989.
- VAYER, Pierre. Diálogo com as crianças na creche e no jardim de infância, Manole, SP, 1990
- WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade, Imago, SP. 1975.
- www.psicomotricidade.com.br
- <http://psicomotricidade1.cjb.net>
- www.brasil.terravista.pt/ipanema/2968/index.htm